

57



VARIANTE



# VARIANTE



EDITOR ANTONIO PEDRO

1943

NÚMERO DO INVERNO

## Sumário:

CAPA: COMPOSIÇÃO DE TOM ★ NOTAS DA REDACÇÃO ★ ANTÓNIO PEDRO / PODER ALICIANTE, IRÓNICO E EXPLOSIVO DO MAU GOSTO ★ DIEGO RIVERA / DESENHO ★ HEIN SEMKE / CRUCIFIXO (BARRO COZIDO) ★ DIOGO DE MACEDO / OS CRISTOS FEIOS ★ NICOLAS CALAS / MAU OLHADO ★ CÍCERO DIAS / DESENHO ★ SOFIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN / POEMA ★ TROMPE L'OEIL ★ KARL KORN / DOR E TRANSFORMAÇÃO NA OBRA DUM PINTOR PORTENTOSO COM 9 REPRODUÇÕES DE MATIAS GRUNEWALD ★ RUI CINATTI / ÂNGULO DO DESTÊRRO ★ TARSILA DO AMARAL / O ABOPURU ★ MYRON MALKIEL-JIRMOUNSKY / LES FAUX EN ART ET LES RESTAURATIONS ARTISTIQUES ★ JOSÉ RÉGIO / FADO ALENTEJANO / COM UM DESENHO DE BERNARDO MARQUES ★ ALMADA NEGREIROS / ILUSTRAÇÃO ★ FERNANDO AMADO / OS DESENHOS DE ALMADA / COM 11 REPRODUÇÕES DO PINTOR ★ ANTÓNIO PEDRO / LINÓLEO ★ JORGE DE SENA / DE MIM CONVERSO... ETC. ★ CARLOS QUEIROZ / O MITO ★ ANTÓNIO DACOSTA / O TRABALHO DAS NOSSAS MÃOS ★ MANUEL MENDES / COLUMBANO / COM 10 REPRODUÇÕES DO PINTOR ★ RENÉE / DE L'INFLUENCE PRÉPONDERANTE ET DEFINITIVE DU MAUVAIS GOÛT DANS LA MODE ★ ERNESTO HALFFTER / TERCERA CANCION DEL NIÑO DE CRISTAL ★ DOLLY TRAUBE / LA CRISAILLE ★ ALVARO RIBEIRO / O JUÍZO, A IRONIA E A MÁSCARA ★ ANTÓNIO MADEIRA / QUATRO POEMAS ★ ADOLFO CASAIS MONTEIRO / DESENHO DE COMPASSO E ESQUADRO... ★ DELFIM SANTOS / O VALOR DA IRONIA ★ ANTÓNIO DUARTE / ESCULTURA ★ CRISTÓVÃO / O PINTOR JORGE DE LIMA / COM 3 REPRODUÇÕES DO PINTOR



# O VALOR DA IRONIA

Há uma distinção preliminar a fazer quando se trata da ironia. Em geral, o conceito de ironia emprega-se sempre que algo de cómico surge nas relações entre os homens. Mas nem sempre a ironia leva ao riso, como nem sempre o humor motiva o cómico. Pelo contrário, ironia é sempre sintoma da situação trágica em que o homem se encontra e indício profundo da ânsia de libertação. Humor é um estado radicado no «tonus» vital, enquanto ironia é um método ao serviço da adequação possível entre o estado humoral e o mundo suposto como melhor mas irreal. Sempre que surge a consciência do desacôrdo radical entre o homem e o mundo (ou os outros homens), origina-se o desejo de modificar a situação penosa em que êle se encontra, e a ironia é o melhor auxiliar na libertação do homem e na formação, a partir do nada, do que êle julga superar a sua situação.

O humor, segundo Kierkegaard, é sempre oscilante entre o ético e o religioso, e a ironia oscilante entre o estético e o ético. Na ironia há sempre um momento estético de criação de algo, que se deverá opor ao já conhecido (e de que o ironista se desinteressa), e um momento ético que é fundamentalmente justificativo da intervenção modificadora. E assim, conforme predomine um ou outro aspecto, pode a ironia ser contemplativa ou executiva. Em resumo, o humor é uma categoria vital e a ironia uma categoria metafísica. Os românticos alemães (Schlegel, Solger e Hegel) chamaram à ironia «negatividade absoluta e infinita». Mas negatividade não significa negativismo, ou sistema de nega-

ções contra posições, sejam elas quais forem, porque então negar-se-ia a si própria.

Negatividade é a característica elementar do espírito, pois o espírito é sempre negador. O espírito surge no homem como negação contra a brutal incorporação na natureza de que está constantemente ameaçado. O espírito opõe-se e pretende negar a natureza, e é neste sentido que os românticos empregaram o termo «negativo» (capacidade de negação) e «positivo» (capacidade de afirmação) e se referiram à oposição entre natureza e espírito, como contraste entre positivo e negativo, a superar dialèticamente. Um filósofo recente (Scheler) chamou ao espírito o Negador (Neinsager). Esta negatividade em que o espírito se «afirma» é absoluta e transcende sempre toda a objectividade em que se insere; é infinita porque os estádios de satisfação em que parece culminar em cada época revelam-se provisórios nas épocas seguintes. A ironia não se dirige a casos particulares e individuais; o seu objecto é o todo; é, portanto, sempre expressão de uma atitude metafísica.

O homem irónico não é o homem que torna ridículo «a» ou «b», como em geral se entende, (isso seria escárneo), mas o homem que exerce intimamente o confronto entre o ideal e o real, ou entre princípios e factos, ou entre a possibilidade e a realidade, ou entre a liberdade e a necessidade. É este o sentido da ironia em Sócrates. O humor é uma disposição vital que leva a encarar todas as situações com uma base de optimismo aniquiladora do que elas possam ter de ofensivo para a



vida humana. O humor é uma atitude de riso perante si mesmo, enquanto que o gracejador pretende fazer rir os outros sobre outrem. O riso pode ter, pois, origens diversas: a ironia, o humor e o chiste ou escárnio. Só ao escárnio é essencial o ridículo, porque é essa a sua intenção e finalidade, e é por isso e sempre dirigido ao individual e pessoal. O humor é uma atitude perante si mesmo e o riso é sempre reflexo. A ironia pode não despertar o riso, porque lhe é secundário o ridículo; a sua principal intenção consiste em pôr em evidência perplexidades do homem perante as situações em que ele se encontra.

Em síntese, pode dizer-se o seguinte: enquanto a categoria transcendental que dá alento à ciência é a dúvida; enquanto a categoria da existência é o desespero; a categoria do espírito, ou da filosofia, é a ironia. E não foi certamente por acaso que o primeiro grande filósofo da tradição ocidental lhe deu realce e importância na sua especulação. Na filosofia grega, o amor e a ironia eram considerados como parentes e como as duas forças criadoras de que o homem é dotado e pode pôr em exercício: o amor no plano vital e a ironia no plano espiritual. Ambos se empenham na recriação do mundo e ambos aspiram à perfeição e cada um deles, em plano diferente, dá sentido à vida do homem na terra.



Mas como se manifesta a ironia? Sendo a ironia a oposição dialéctica de determinado aspecto da realidade já objectivado a outro aspecto ainda não realizado, mas suposto mais perfeito, é certo que toda a actividade do espírito é irónica. A história da civilização pode ser considerada como um série de estádios sucessivos na vida da humanidade provenientes do exercício da ironia, que cada geração dirige às formas de vida das gerações anteriores, fazendo valer em contraposição o seu novo conceito de ordem social. A crítica em função de princípios é um vasto campo de aplicação da ironia. E uma revolução é sempre também um produto da ironia executiva, para empregar a terminologia de Kierkegaard, pois é sempre resultante do descontentamento do que já se realizou e a esperança de que os ideais chamados a agir darão melhor conformação à vida social. O revolucionário é, neste sentido, um

homem irónico e o seu entusiasmo é tanto mais intenso quanto mais profunda for a sua ironia, ou quanto maior for o abismo entre os seus ideais e a possibilidade da sua realização. O conservador, seja em que plano for, e em especial o chamado burguês, é sempre um homem destituído de capacidade irónica porque se amoldou plenamente ao mundo em que vive e que é o seu ideal.

Mas a ironia tem ainda outros aspectos. A política é um jogo em que ela é mestra: os partidos e os órgãos da opinião pública, na medida em que representam aspiração de renovo e desejo de transformação, são agentes irónicos contra o adormecimento estadual. A ironia está sempre alerta contra o adormecimento, e mesmo no estado de sono algo surge como complemento e afirmação de descontentamento com a vida vígil — o sonho. Só o homem que sonha é irónico, como irónico é o poeta na sua busca ansiosa de novas formas de beleza que possam satisfazer a sua sede causada pelo contacto desilusionante da realidade. E a capacidade de ilusão é ainda uma forma de ironia. Viver poeticamente é viver irónicamente. A criação artística, e sobretudo a criação poética, e a evolução do artista ou do poeta, denotam o grau de ironia de que foram capazes. O homem que já não evolui, ou o homem coerente, é um homem sem ironia. Por isso mesmo, a ironia executiva tem o seu período máximo de revelação durante a adolescência, que é a fase da vida criadora por excelência. Mais tarde pode surgir outra espécie de ironia — a especulativa — destituída de acção interventiva. Poderíamos ainda desenvolver a ideia de que a evolução psíquica, desde a infância até à velhice, é proveniente da capacidade de ironia de que o homem dispõe, e que a personalidade é a sua mais alta expressão. E, se quiséssemos propor uma definição de homem, poderíamos dizer que ele é o único animal irónico — que o mesmo é dizer dotado de espírito — que habita a terra, e que a ironia se manifesta nele — como o espírito — destruindo para criar em função de algo novo ou de nada.

A ironia é uma força destrutiva, um perigo de aniquilamento, mas que sempre aspira a criar, reformar ou embelezar situações sociais e individuais que o homem já não pode suportar. Destrói para criar, e o seu perigo (perigo para o já estabelecido) reside em destruir sempre em função



de «novo» ou de «nada», no sentido de ainda absolutamente indeterminado ou só imperfeita e parcialmente objectivado. Neste sentido, a ironia é uma possibilidade poética na criação de novas imagens ao serviço da imaginação. Só o homem dotado de ironia é capaz de imaginação. E para os gregos imaginação criadora e ironia eram o mesmo. E como não é possível vida sem imaginação, também não é possível vida sem ironia. A imaginação empresta à vida força propulsiva para se afirmar, negando o que é, e para se defender daquilo que queria que ela não fôsse. As imagens são as metas sucessivas e directivas de que a vida se vai aproximando e, por fim, ultrapassando. A experiência vital é a correcção das imagens com valor prospectivo que a vida nos oferece a cada momento. E, por isto mesmo, Aristóteles considera a imaginação como pertencendo à vida e não à alma (ou psique), da mesma maneira que as idéias pertencem ao espírito e só nêle se revelam.

O momento fundamental e conformador da personalidade é ainda a ironia: a ironia sobre si mesmo. E Kierkegaard afirma que sem ironia não seria possível ao homem realizar-se como personalidade, da mesma forma que a ciência não seria possível sem a dúvida. Ironia, dúvida e desespêro são as coordenadas essenciais do «estar-na-terra». Tanto a ironia, como a dúvida, como o desespêro, radicam no sentimento de inconformidade e mal-estar do homem em um mundo a que êle foi lançado sem saber porquê e para quê. Surgindo do nada é sempre o «nada» que o inquieta e é o nada, (ou o absolutamente indeterminado relativamente ao já conhecido como «objecto»), que o leva ao desespêro na sua existência, à dúvida nos seus interesses de conhecimento e à ironia nos seus esforços de libertação. A morte é ainda uma ironia, algo que nos afirma que isto que somos é ainda (e será sempre) indigno de manter-se, de continuar, porque o seu irmão, o amor, na força irónica de que está

totalmente possesso, criará novos seres que viverão novas esperanças e novos sonhos.

A ironia socrática não é uma forma jocosa de se divertir com os que julgavam saber, como por vezes é entendido. Sócrates nada pretendia ensinar, mas apenas pôr em confronto duas ou mais afirmações tidas como verdades e, assim, fazer notar a sua inadequação ao objecto considerado e a sua mútua exclusividade. A filosofia, neste sentido, é também exercício da ironia ou esforço pessoal de melhor adequação do conhecimento à realidade. Daqui a justificação do já afirmado por muitos filósofos acerca da incapacidade do ensino da filosofia. O que pode transmitir-se é o sentido do filosofar, mas não a filosofia, do mesmo modo que pode desenvolver-se a capacidade de ironia, mas a ironia é em si intransmissível. Na medida em que a ironia exprime a insatisfação do homem ante a realidade é ela indício de libertação possível. Liberdade é consequência da ironia e só o homem irónico (com capacidade de imaginação de novo e crítica dêle mesmo e do mundo que o cerca) pode ser considerado homem livre.

A ironia não é, no sentido que lhe demos, uma forma de sarcasmo, mas um elemento trágico que poderia bem relacionar-se com o que Unamuno chama «sentimento trágico da vida». E só na medida em que êste sentimento trágico se torna consciente, desponta a ironia como forma por excelência de libertação de tudo que contraria o homem e de tudo que o impede de ser êle mesmo. É uma disposição subjectiva e não uma arma de ataque contra terceiros, é um sentimento de possibilidade em frente à realidade, que nos dá a certeza de que é ainda e sempre possível inserir algo de novo no já feito e no já velho. Não é na dúvida que a ironia radica, mas na certeza de que tudo é apenas amostra provisória e sem valor definitivo, e que ao homem compete tentar o melhoramento de tudo que o cerca e dêle mesmo.

DELFIN SANTOS